

O CONCEITO DE JUVENTUDE: UMA DISCUSSÃO HISTÓRICO-CULTURAL DOS PRIMÓRDIOS AOS DIAS DE HOJE

MACHADO, Vitor
FCACSL, UNISAL, FATEC, FIMI
machadovitor@terra.com.br

RESUMO

Neste artigo elaborou-se uma reflexão acerca do conceito de juventude, procurando entender o jovem do ponto de vista da cultura, ou seja, como resultado de um processo que determina a representação que eles fazem da sua realidade e o significado que dão as suas ações. Os jovens são ainda aqui entendidos como uma geração de indivíduos pertencentes a uma fase da vida anterior a geração adulta e, portanto, segundo Mannheim, pertencentes a um mesmo “locus geracional”. Esses indivíduos apresentam características e ações semelhantes, o que os diferencia de outros grupos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: *juventude; gerações novas; movimento jovem; culturas juvenis; locus geracional.*

INTRODUÇÃO

Este texto é uma discussão panorâmica sobre o conceito de juventude, procurando encontrar uma definição lógica e coerente do termo, a qual nos permita neutralizar suas ambigüidades.

Neste sentido, iniciamos nossa reflexão elaborando uma retrospectiva histórica sobre as definições das idades da vida, tentando demonstrar, como a idade tornou-se objeto de estudo ao longo dos séculos. Esses estudos contribuíram para reforçar nosso entendimento de que, apesar da juventude ser considerada uma etapa biológica da vida, ela possui características culturais próprias e, portanto, deve ser avaliada e interpretada sociologicamente.

Assim, tratamos de definir o conceito de geração para em seguida realizarmos um debate com representantes do pensamento sociológico que se dedicaram a analisar a problemática da juventude. Algumas dessas análises, ao tentarem explicar o processo de transição da geração jovem para a vida adulta, procuram evidenciar que ele é significativamente marcado por rupturas culturais. Outras, contrariamente, afirmam que o ingresso dos jovens na idade adulta acontece mediante a preservação e a manutenção de valores que garantem a continuidade cultural entre as gerações.

Realizadas essas reflexões, passamos a demonstrar a necessidade de se entender o jovem do ponto de vista da cultura que possuem, como sujeitos característicos de um processo cultural que é construído em meio a muita diversidade, a partir das experiências vivenciadas no seu espaço de convivência social.

2. AS IDADES DA VIDA

Como o tema central desse trabalho é a questão da juventude, para sabermos com exatidão como os jovens adquirem ou herdaram sua identidade, faz-se necessário o retorno à história. Verifica-se que é somente por volta dos séculos XVI e XVII que a idade se torna objeto de atenção especial. Segundo Áries (1981), isso se comprova nos retratos de membros de família cuja a idade foi registrada. Pela inscrição dos números, pretendia-se reforçar com exatidão o sentimento de família e seu desenvolvimento na época. Também como forma de reforçar o sentimento familiar e com a preocupação maior de dar a ela (a família e sua história) encontram-se os “diários de família” (ARIÉS, 1981).

No século XVII, tornou-se bastante habitual gravar ou pintar uma data nos objetos pessoais (cama, baús, armários, colheres, etc.) quando correspondiam a um momento solene da história familiar, procurando dar à família certa consistência cronológica. O gosto pela inscrição nos objetos familiares desapareceu rapidamente nas cidades e na corte, no século XIX, apesar de ter subsistido até meados do século XX nas camadas médias.

No entanto, o simbolismo dos números vai ser muito importante para a definição das idades da vida. Além de aparecer inscrito em objetos pessoais, como já dissemos anteriormente, o simbolismo dos números era familiar, “encontrava-se ao mesmo tempo nas especulações religiosas, nas descrições de física, de história natural, e nas práticas mágicas” (ARIÉS,

1981, p. 35). De acordo com isso havia uma correspondência entre as idades da vida e os fenômenos naturais determinada pela ciência, e adotada pelo dito popular pois “os homens acreditavam que uma mesma lei rigorosa rege ao mesmo tempo o movimento dos planetas, o ciclo vegetativo das estações, as relações entre os elementos, o corpo humano e seus humores e o destino do homem” (ARIÉS, 1981, p. 35).

É no século XIV, sobretudo na França, que se encontram definições da idade da vida que permaneceram inalteradas até o século XVIII. Essas definições, não correspondiam apenas a etapas biológicas da vida, mas a funções sociais expressamente definidas. Essas etapas resumem-se a três: *enfance*, *jeunesse*, *vieillesse*.

A *enfance* (infância) estava ligada a idéia de dependência. “Só se sai da infância ao se sair da dependência, ou, ao menos dos graus mais baixos da dependência” (ARIÉS, 1981, p. 42).

A *jeunesse* (juventude) surge como “depositário de valores novos, capaz de reavivar uma sociedade velha e esclerosada” (ARIÉS, 1981, p. 46, 47).

A *vieillesse* (velhice) surge como ancião e é logo substituído por:

[...] homem de uma certa idade e por senhores ou senhoras muito bem conservados. Noção ainda burguesa, mas que tende a se tornar popular. A idéia tecnológica de conservação substitui a idéia ao mesmo tempo biológica e moral da velhice (ARIÉS, 1981, p. 48).

Realizado esse histórico panorâmico sobre as idades da vida, nota-se que, na formação histórica da existência humana a vida pressupõe, nas suas diferentes etapas, um ritmo biológico da idade. Por outro lado, esses fatores biológicos são sociologicamente reinterpretados, considerando que cada uma dessas etapas possui características próprias, constituindo-se assim, em alvo de avaliações específicas que são culturais e econômicas.

Essas avaliações, segundo Marialice Foracchi, sugerem que para cada etapa da vida, existe uma relação que “[...] não é meramente linear ou cronológica, permitindo um modo peculiar de atuação [...]. Para ela, [...] cada etapa deve ser compreendida em contraposição e em contraste com a anterior ou com a subsequente” (FORACCHI, 1972, p. 19).

Para o melhor entendimento desse processo, é de fundamental importância definir com o maior rigor possível, o significado da noção de geração e, posteriormente, examinar os pressupostos do relacionamento entre elas.

3. DIFERENTES TEORIAS ACERCA DAS GERAÇÕES NOVAS

Segundo Mannheim “a unidade de uma geração se constitui, essencialmente, pela locação similar de certos números de indivíduos” (MANNHEIM, 1982, p.290) (uniformidade de locação social). Para ele, a geração é uma categoria de análise que, embora não seja classe nem grupo, caracteriza-se pelo fato de apresentar uma localização social comum, numa dimensão histórica do processo social.

Ao analisar-se o “fenômeno da locação social”, pode-se estabelecer diferenças entre o fenômeno das gerações e dos grupos sociais, demonstrando que a “unidade das gerações” é constituída pela similaridade de locação. Essa similaridade só pode ser caracterizada a partir da natureza da estrutura da qual emergem os grupos de locação na realidade histórico-social.

A noção de geração para Mannheim, corresponde assim, a uma determinada similaridade social que abrange grupos de idades afins, determinados pela natureza da locação e por sua relação com outros membros da sociedade. Para Foracchi (1972, p. 20), Mannheim entende que “os membros de uma geração estão, em virtude da similaridade de locação, igualmente expostos a uma mesma fase do processo coletivo”. Eles compartilham uma série de experiências e situações de vida em comum, que por apresentarem-se de forma ordenada, estratificada, são responsáveis pela afinidade de locação social. Tem-se a formação de um estilo característico de cada geração, garantindo a continuidade e as diferenças entre elas. Conforme Foracchi (1972, p. 22) “a continuidade das gerações é fundamental para assegurar a criação cultural e a transmissão da cultura”.

Entretanto há que se ressaltar a dificuldade atual de transição na passagem de jovem para adulto, devido a complexidade das formas de organização social na sociedade moderna. O jovem desafia a sociedade. Ela é questionada quanto a seus valores e sua ordem. Os jovens acumulam características e experiências de outras categorias de idade, ocasionando uma situação de crise no processo de socialização dos jovens e também na sociabilidade que desenvolvem.

O importante é registrar que o estado de crise que marca social e psicologicamente a juventude é o ponto de convergência das diferentes caracterizações. As relações entre as gerações, o conflito ou a continuidade que entre elas se estabelecem, são analisadas com base na crise da juventude ou, mais precisamente, na crise de uma geração (FORACCHI, 1972, p. 24).

De acordo com a corrente geracional, isso se justifica pelo fato desta corrente procurar entender o processo de formação da juventude, no âmbito das suas aspirações, como uma categoria distinta da vida adulta. Essa corrente vai compreender a juventude como uma fase da vida, enfatizando-se o aspecto unitário que a juventude assume nas mais diversas sociedades. Segundo Pais (1996), o arcabouço teórico dominante dessa corrente baseia-se nas teorias da socialização, desenvolvidas pelo funcionalismo e na teoria das gerações. Essas teorias foram fundamentais e essenciais para a corrente geracional discutir profundamente a continuidade e descontinuidade dos valores intergeracionais.

4. A CRISE DA JUVENTUDE E OS VALORES INTERGERACIONAIS

Em relação às crises e conflitos intergeracionais, eles são vistos pelas teorias funcionalistas, como disfunções no processo de socialização. Já a teoria das gerações procura explicar as crises geracionais como descontinuidades intergeracionais. Para seus teóricos, se existisse um movimento contínuo não haveria uma geração após outra e conseqüentemente não haveria uma teoria das gerações (PAIS, 1996).

Por outro lado, Mannheim (1982) argumenta a crise da juventude como parte de um processo em que as gerações novas são chamadas a atuar. Para o autor, a crise da juventude se dá no momento em que o jovem procura integrar-se à vida adulta. Quando isso ocorre, o jovem choca-se com valores antagônicos entre si, confrontando-se com eles e promovendo mudanças sociais que conduzem a sociedade a circunstâncias completamente novas.

Realizando estudos sobre as “gerações novas”, Mannheim (1982) credita a diferença entre uma sociedade e outra, ao fato de existirem, em determinadas sociedades, pessoas mais velhas que gozam de maior prestígio em relação às mais novas. Mas não é somente em relação ao prestígio possuído pelos jovens que as sociedades diferem, mas também “pelo fato dos jovens se integrarem em grupos ou movimentos, que como tal, influenciam os cursos dos acontecimentos” (MANNHEIM, 1966, p. 91). Embora surjam sempre gerações novas, sua atuação vai depender de como a sociedade se utiliza dela e de que maneira realiza este uso.

Nesse sentido, a juventude é vista por Mannheim como um “recurso latente” à disposição em cada sociedade e de cuja mobilização depende

sua vitalidade. Algumas sociedades não se utilizam desses “recursos latentes”, privilegiando-se as experiências das gerações velhas. Essas experiências vão sendo incorporadas pela juventude que não promove mudanças sociais, mas incorporam os valores anteriormente estabelecidos.

Desta forma, estas sociedades:

[...] relutaram em encorajar novas forças latentes nos jovens. Sua educação centralizar-se-á na manutenção da tradição, seus métodos de ensino serão rotineiros. As reservas vitais e espirituais da juventude serão deliberadamente negligenciadas, enquanto não houver desejo colidente contra as tendências até então vigentes na sociedade. (MANNHEIM, 1966, p. 92).

Nessa perspectiva, a juventude mostra-se claramente conservadora e disposta a integrar-se na vida adulta, sem a necessidade de modificar a ordem social vigente. Mas ao contrário, existem sociedades que se utilizam de seus “recursos latentes”, organizando-os e utilizando-os para promover mudanças sociais em graus consideravelmente elevados pois, “[...] na medida em que as sociedades desejam tomar uma nova orientação, qualquer que seja sua filosofia social e política, contarão principalmente com a cooperação da juventude” (MANNHEIM, 1966, p. 93).

Assim, a juventude aparece nesta sociedade com a função de um agente revitalizador, “como uma espécie de reserva que se revela apenas se tal revitalização for desejada para o ajustamento a circunstâncias rapidamente mutáveis ou completamente novas” (MANNHEIM, 1966, p. 93).

O jovem até a sua puberdade incorpora valores que são pré-estabelecidos no convívio familiar. Quando penetra no período da adolescência, entra em contato com valores que até então não conhecia. “O fato relevante é que a juventude vem de fora para os conflitos de nossa moderna sociedade. E é esse fato que faz da juventude o pioneiro predestinado para qualquer mudança da sociedade” (MANNHEIM, 1966, p. 95).

Nesse contexto, entende-se, que para Mannheim, a crise da juventude não pode ser capaz de promover uma ruptura das gerações novas em relação às velhas, mas ao contrário, ela é a grande responsável em manter vitalizado a continuidade das gerações, no processo histórico de formação das sociedades.

O fato é que, segundo Pais (1996), as descontinuidades intergeracionais vão estar na base do processo de formação da juventude como “gera-

ção social”.¹ Este conceito é importante porque revela a formação de uma geração jovem, num processo de relações de interdependência, a partir de valores adquiridos de outra geração da qual se vê distinta, o que não significa ruptura. Neste processo admite-se a existência da formação de uma cultura juvenil em oposição à cultura das gerações adultas. Essa oposição seria a causa de diferentes tipos de descontinuidades intergeracionais, podendo ocorrer por meio de conflitos e tensões ou sem grandes fricções.

Quando o processo de formação de uma geração jovem ocorre sem grandes atritos, a corrente geracional procura explicar o fato através da teoria da socialização contínua². Segundo essa teoria, os jovens são socializados por meio de um conjunto de normas e valores predominantes entre as gerações mais velhas (PAIS, 1996).

Por outro lado, traduzem como conflitos ou crises intergeracionais, a descontinuidade das gerações causadas por grandes tensões. Entendem que a causa da confrontação entre gerações, é resultado da formação de uma consciência geracional em decorrência da vivência, pelos jovens, de determinados processos que lhes são próprios.

Portanto, para a corrente geracional:

[...] os indivíduos experimentarão o seu mundo, as suas circunstâncias e os seus problemas, como membros de uma geração (...). Além disso, (...) as experiências de determinados indivíduos são compartilhadas por outros indivíduos da mesma geração, que vivem por esse fato, circunstâncias semelhantes e que têm de enfrentar-se com problemas similares (PAIS, 1996, p. 40).

Viu-se até aqui que a corrente geracional apresentou como problemática da juventude alguns aspectos de continuidade geracional e outros de sua descontinuidade. Porém, segundo Pais (1996), a corrente geracional ao tentar

¹ [...] Este conceito deve ser entendido num sentido próximo de um daqueles que, sobre as gerações, A. Seda Nunes desenvolveu, isto é, admitindo por hipótese o fato de cada geração social só ficar determinada mediante uma auto-referência a outras gerações (das quais se vê distinta) (NUNES, 1968).

² [...] As teorias da *socialização contínua* foram dominantes nos anos 50, quando médicos e psicólogos quase detinham o monopólio do discurso sobre os jovens, ao assimilarem a adolescência à crise de puberdade e ao definirem a juventude como um período difícil de maturação psicológica que deveria conduzir a idade adulta. É durante esse período que adquirem relevância os conceitos de identidade ou autonomia juvenil. Mesmo quando a sociologia (nos anos 60 com o funcionalismo) começa a explorar a juventude como fonte de problemas, diversos são os estudos que, na linha da teoria da socialização contínua, acabam por reconhecer as atitudes positivas dos jovens perante a família, a escola e a autoridade (PAIS, 1996).

esclarecer a problemática da juventude, generaliza o fenômeno juvenil e dessa maneira apresenta-o como uniforme e homogêneo. Ao mesmo tempo, e na medida em que criam uma consciência que lhes é própria, os jovens criam também a sua própria cultura, sempre em oposição à cultura da geração adulta.

Diferentemente da corrente geracional, a corrente classista procura desvendar a problemática da juventude, a partir do contexto da reprodução das classes sociais. Mesmo sendo entendida como categoria (a juventude e todo o processo de sua formação) seria definida por relações de classe. Isto significa que para a corrente classista, “a transição do jovem para a vida adulta encontrar-se-ia sempre pautada por desigualdades sociais: quer a nível da divisão sexual do trabalho, quer principalmente, a nível da condição social” (PAIS, 1996, p. 44).

Procurando explicar essas afirmações, a corrente classista argumenta que a divisão sexual do trabalho ocorre em virtude da dificuldade de inserção dos jovens no mercado de trabalho. Nele, o desemprego e a competitividade crescem cada vez mais. Tentando solucionar ou amenizar tanta dificuldade, atribuem às mulheres jovens o papel de esposas e mães, afastando-as assim, do mercado de trabalho.

No entanto, em relação à condição social, ela e o sistema educativo se encarregariam da reprodução social. Consequentemente, o processo de ensino-aprendizagem seria o grande responsável pela *reprodução material do indivíduo*.³ Mas, segundo Pais (1996), quando se analisam as transformações sociais, políticas e econômicas, na atual conjuntura mundial, nota-se que a reprodução social não tem ocorrido de uma forma linear. Ele tanto desconfia desta linearidade proposta pela corrente classista, que afirma existir algumas lacunas no sistema reprodutivo, na forma como foi explicitada no parágrafo anterior. Essas lacunas demonstram, assim, a necessidade de se analisar as origens e as implicações que elas poderão provocar no processo de transição do jovem para a vida adulta. Nesse caso, algumas dessas lacunas surgem como produto de transformações que afetaram o próprio sistema político e econômico e outras, paulatinamente, no decorrer da vida quotidiana.

Feitas essas observações, é de fundamental importância procurar entender no processo de transformações a corrente classista trata a questão da cultura juvenil. Para ela:

[...] as culturas juvenis são sempre culturas de classe, isto

³ Ver: ESTABLET, R. *A Escola*, p. 93-105.

é, são sempre entendidas como produto das relações antagônicas de classe. Daí que as culturas juvenis sejam por essa corrente apresentadas como *culturas de resistência*, isto é, culturas negociadas no quadro de um contexto cultural determinado por relações de classe (PAIS, 1996, p. 48).

Assim, as culturas juvenis entendidas como cultura de classe, vão apresentar sempre um significado político. Seus rituais, as distinções simbólicas existentes entre os jovens (vestuário, hábitos lingüísticos, práticas de consumo, etc.), apresentariam sempre um aspecto de resistência contra a cultura dominante, adquirindo e criando novos espaços culturais.

Isso é que podemos observar nos grupos marginais de adolescentes, surgidos nos grandes centros urbanos a partir da década de 50, na Europa e Estados Unidos. Esses grupos, muitas vezes designados de “gângues” por aqueles que iniciaram os primeiros estudos sobre grupos marginais, procuravam contestar o universo adulto através de atos de violência contra normas pré-estabelecidas pela sociedade civil.

Segundo Morin (1981), é a partir de 1955, com o surgimento do rock-and-roll, que tem início uma nova cultura juvenil. Para o autor, foi com o desenvolvimento dessa cultura em pólos diferenciados de vivência juvenis, que os jovens puderam afirmar suas diferenças em relação a outros grupos sociais.

Essa afirmação torna-se mais evidente na década de 60, com o surgimento de alguns movimentos de contestação da sociedade e que assumem variados comportamentos. É o caso do movimento hippie e dos *skinheads*. Ambos surgiram num momento de grandes transformações culturais, de recusa à sociedade de consumo, da busca incansável de uma renovação social, além do desejo de uma revolução cultural através da afirmação da não violência. Enquanto o primeiro surgiu, ligado a esses valores e vinculado a classe média, o segundo, em contrapartida, originou-se de grupos de jovens provenientes da classe operária, e que passaram a adotar um estilo oposto aos hippies, opondo-se ao seu pacifismo.

Como esta capacidade de criar novos espaços culturais, verificou-se com maior nitidez entre os rapazes, na sua maioria os da classe operária, a corrente classista limitou-se fundamentalmente ao estudo das culturas juvenis e operárias. Mas essa tendência foi pioneiramente combatida, na Grã-Bretanha, pelas feministas que se propuseram a analisar profundamente as culturas femininas. Para elas era de fundamental importância demonstrar que entre as classes trabalhadoras:

[...] essas culturas estariam subordinadas à divisão sexual do

trabalho e a inevitabilidade do matrimônio como forma de emancipação. No entanto, as feministas acabaram por cair no mesmo equívoco em que caíram os que justamente criticavam. Analisam de um modo geral, o universo feminino à margem do universo dos rapazes, como se os dois universos fossem mutuamente exclusivos, como se na intersecção desses universos, não encontrássemos, também, fortes razões de emergência das culturas juvenis (PAIS, 1996, p. 50).

Em suma, não é certo afirmar que a condição social determine entre jovens de uma mesma classe social uma homogeneidade cultural. Os processos sociais também não podem ser compreendidos de forma unânime, entendidos como simples e exclusivamente resultantes de determinações sociais e posicionamento de classes. Isso não nos autoriza a descartar completamente o conceito de classe social, que vai predominar no nível macro-histórico.

Assim, o conflito de gerações nas mais diversas sociedades é marcado por atos de contestação em virtude da rejeição da condição adulta imposta pela sociedade. Tornar-se adulto é uma tarefa extremamente difícil na sociedade moderna e significa enfrentar os problemas propostos por ela.

Segundo Madeira (1986, p. 17), a juventude é:

[...] etapa de transição entre a infância e a vida adulta. E nesse sentido deve-se assinalar que a transição para o mundo adulto não se dá de forma única. Quase sempre se trata de uma série de mudanças paralelas ou consecutivas que variam histórica e culturalmente.

Nesse sentido, nenhum limite filosófico cabe para identificar fases da vida culturalmente determinadas. Portanto, como sugere Pais (1996), os jovens devem ser vistos, analisados e estudados profundamente através de seus cotidianos, a partir de seus contextos vivenciais. Segundo ele, só assim será possível decifrar a natureza das continuidades e descontinuidades intergeracionais.

5. JUVENTUDE: UMA INTERPRETAÇÃO CULTURAL

Apesar de tanta especificidade, é preciso entender e explicar as culturas juvenis associadas a um universo de análise em que estão presentes regularidades comuns entre os jovens, mas também diversidades entre eles. É necessário compreender e respeitar estas diversidades do modo de vida dos jovens, pois só assim, será possível perceber as representações que os jovens fazem da sua realidade e o “significado que dão às suas ações e as suas atividades cotidianas” (PAIS, 1996, p. 60).

Pensando a sociedade moderna, e as mudanças significativas de caráter político, econômico e social, que a mesma vem sofrendo neste início de século, é de fundamental importância considerar os estudos realizados por alguns pesquisadores. Esses estudos procuram esclarecer a origem de uma cultura juvenil formada no decorrer do processo de transição do jovem para a vida adulta.

Um desses trabalhos é a contribuição de Souza (1998), no qual realiza algumas considerações sobre a cultura adolescente-juvenil. No trabalho, o autor recupera os estudos realizados por Edgar Morin, que através de minuciosa análise da sociedade moderna, aponta alguns fatos significativos que permitiram a formação da juventude. Entre os fatos, nas suas devidas proporções, e com diferenças entre vários países, destaca, além da escolaridade prolongada:

[...] a urbanização, a diminuição da importância do setor primário e da população camponesa, modificação da estrutura da PEA (diferenciação da PEA urbana, aumento das ocupações técnicas e não-manuais, ampliação do assalariamento), crescimento numérico e da importância política das classes médias (criação de um espaço mesocrático nas sociedades), expansão da educação e aumento da escolarização, crescimento dos serviços sociais do Estado, crescimento dos meios de comunicação de massa (SOUZA, 1998, p. 50).

Partindo desses princípios, verifica-se, como já foi dito, que o aparecimento de uma cultura juvenil, segundo Morin (1981), vai se constituir por volta de 1955.

Já na década de 60, o surgimento de uma cultura juvenil vai assumir alguns traços característicos. Nesse processo de relações intergeracionais, os jovens apresentam uma certa ambigüidade, aderindo e consumindo os produtos simbólicos que representam os valores da modernidade e ao mesmo tempo recusando e revoltando-se contra a sociedade de consumo.⁴

⁴ [...] Dentre os movimentos juvenis, a década de 60 não marcou apenas o aparecimento dos *skinheads*. Caracterizando-se por ser um momento de grandes transformações culturais, ela também foi a época do desejo de revolução cultural, da recusa à sociedade de consumo, de busca de renovação social, de desconfiança nas práticas políticas tradicionais, da afirmação da não violência e do *flower power*. Ligado a esses valores, surgiu o movimento *hippie*, que foi um fenômeno ligado à classe média. Em contraponto, grupos de jovens oriundos da classe operária passaram a se auto afirmar com um estilo oposto ao dos *hippies*, não sendo, assim, de se estranhar que os *skinheads* (cuja origem é predominantemente proletária) não gostassem deles e se opusessem ao seu pacifismo (SOUZA, 1998, p. 51, 58).

Apesar de alguns estudos também indicarem que a juventude dos anos 60, procurava contestar a ordem e os padrões de comportamento vigentes, de uma maneira bastante autoritária, não foi isso que se viu nas décadas seguintes.

Depois dos anos 70, a juventude torna-se fragmentada num cenário sem grandes participações de grupos juvenis.

O movimento estudantil perde a sua importância e a contracultura sua força. Nos anos 80, sobressaem entre os movimentos jovens as tribos (bandos, estilos, culturas, subculturas) ligadas a estilos musicais e comportamentais (roupa, ídolos, gírias etc.). Nos dias atuais esses grupos são representados pelos internautas, lutadores, clubs, patricinhas e mauricinhos, metaleiros, *skatistas* e os novos *hippies* (SOUZA, 1998, p. 55).

Mas nos anos 70 e 80, de acordo com Abramo (1994), a categoria juvenil sofreu mudanças significativas em sua composição. Se em décadas passadas a juventude estava representada pela classe média, agora passa a abranger também jovens dos setores populares.

No caso do Brasil, as mudanças também foram significativas. Isso é o que demonstra uma pesquisa desenvolvida por Madeira (1986), na qual a autora analisa as transformações ocorridas na sociedade brasileira no fim do século XX, apontando a influência de tais transformações na construção de uma identidade jovem. Nesse estudo, a autora chama a atenção para o rejuvenescimento e feminização da População Economicamente Ativa na década de 70, no Brasil, e a conseqüente participação desta parcela jovem no mercado de trabalho.

No entanto, ela procura transmitir a noção de juventude, caracterizando o jovem a partir de sua condição social e de trabalho. Escreve sobre o jovem trabalhador inserido na classe operária, compartilhando com ela condições de vida e trabalho. Nesse contexto, Madeira (1986), subdivide e classifica os jovens, de acordo com o Censo, considerando indivíduos de 15-19 anos como adolescentes e os de 20 - 24 anos como jovens. Mas essa classificação só é possível, se se levar em conta que as transformações sociais dos últimos anos desenvolveram:

[...] diferenças significativas de expectativas de responsabilidades (com relação ao trabalho escola e lazer etc.) para cada um destes segmentos etários. [...] Por isso entende-se que não se pode falar em juventude em geral, mas que ha que caracterizar o jovem a partir de suas con-

dições de vida, de trabalho e da classe a qual pertence (MADEIRA, 1986, p. 17).

Isso significa que a juventude deve ser vista como uma fase da vida marcada por instabilidades associadas a problemas sociais de várias naturezas. Esses problemas revelam a emergência de novos padrões ao longo da última década que definiram o rumo da sociedade moderna, atingindo jovens de ambos os sexos (MADEIRA, 1986).

O rejuvenescimento da PEA (População Economicamente Ativa) leva a pensar, então, na possibilidade da existência, hoje, no Brasil, de uma parcela da população em certo grau de homogenia. Essa homogenia deve ser pensada pela relativa autonomia que desfrutam os jovens em relação a outras categorias, resultando numa *identidade jovem*, que perpassa toda a sociedade brasileira.

Porém:

[...] a existência de uma identidade jovem assim demarcada, não permite falar genericamente da juventude brasileira. (...) Os jovens estão divididos por sexo, em rurais, urbanos e metropolitanos, ricos, remediados e pobres, integrados e marginalizados, do Norte e do Sudeste, jovens filhas, jovens mães, trabalhadores, estudantes, trabalhadores-estudantes. Naturalmente cada uma das situações específicas vividas pelo jovem, delimita a onipotência, as aspirações, os limites que os códigos sociais escritos e não-escritos determinam, o nível de conflito, a maior ou menor responsabilidade (MADEIRA, 1986, p. 18).

Pode-se dizer que no decorrer da década de 70, a população jovem, mesmo em meio a sua diversidade, inseriu-se na sociedade moderna através do trabalho e da escola, induzindo e reforçando cada vez mais a autonomia, as aspirações e ambições juvenis além dos conflitos entre as gerações. Disso decorre a necessidade de se estudar o fenômeno em cada uma das suas manifestações.

Na década de 80, no terreno macro social, admite-se em geral que a juventude parecia apática em relação ao momento de transição que o país enfrentava. Era o fim da ditadura militar e o início do governo civil e democrático. Vários movimentos sociais emergiram em favor da redemocratização do país, mas com a crise do movimento estudantil, a juventude encontrava-se tolerante e com uma postura menos crítica em relação ao sistema.

Nos anos 90 e na primeira década desse milênio, a juventude começa a modelar uma nova identidade, resultante de diferentes identidade

juvenis. Ao perceber isso, a mídia e a indústria procuram apropriar-se do espaço aberto pelos jovens e passam a oferecer-lhes uma cadeia de produtos interligados ao sentimento de juventude, capazes de integrar os jovens, fortalecer o mercado de consumo e enriquecer a indústria capitalista.

Nesse sentido, o jovem reinventa o seu cotidiano, procurando satisfazer suas necessidades de socialização e lazer, consumindo os produtos oferecidos pela indústria moderna. Surge assim, uma cultura juvenil exogenamente criada pela cultura de massas. Além disso, com o desenvolvimento da sociedade contemporânea, diversas pesquisas demonstram nos jovens uma tendência a emancipação. Os jovens procuram inserir-se precocemente no mercado de trabalho, obtendo assim um bônus que lhe permitirá ser igual aos adultos em direito e em liberdade.

CONCLUSÃO

Ao recuperar algumas análises desenvolvidas nesse texto, analogicamente ao trabalho de Pais (1996), pode-se notar que o conceito de cultura juvenil, tanto para a corrente geracional como para a corrente classista vai estar associado à cultura dominante, ao urbano, as estruturas de classes integradas.

Há muitos séculos os primeiros estudos que se preocuparam em definir o conceito de juventude, tentaram demonstrar as funções sociais desta etapa da vida. Assim, procuraram entender a juventude a partir do papel que os jovens desempenhavam na sociedade, numa etapa da vida anterior àquela em que o indivíduo atingia sua condição de adulto. Procuraram demonstrar, também, a uniformidade que apresentava a categoria juvenil por possuírem características em comum. Os jovens foram considerados membros de uma mesma geração pelo fato de ocuparem a mesma localização social. Possuíam características próprias por terem, numa dada fase da vida, além de idades afins, compartilhando experiências em comum. Definiram o estilo característico da juventude. Indivíduos com idades afins, que se opõem às gerações subjacentes, eram capazes de garantir a continuidade e as diferenças entre as gerações.

Mas o processo de transição da passagem do jovem para a vida adulta, torna-se bastante difícil devido a complexidade de organização da sociedade moderna. Com o desenvolvimento do capitalismo e o conseqüente aumento da desigualdade social, aumentam as dificuldades de inserção do jovem no mercado de trabalho e frustram-se suas expectativas de ingresso no mundo dos adultos. Dessa maneira, o jovem acaba por

questionar de forma rigorosa, os valores e as normas da sociedade que o exclui. Ao mesmo tempo, absorve características e experiências de outras categorias reforçando ainda mais a relação de oposição e contraste existente entre uma geração e outra.

É preciso estar sempre atentos para os vários aspectos que permeiam a problemática da juventude. Não se pode perder de vista que esta fase da vida, chamada juventude, resultado de um processo específico, é culturalmente definida. Caso se considere ainda que a cultura em nosso tipo de sociedade sofre fragmentação e clivagens originadas das transformações de classes, grupos, regiões e das relações rural-urbano, com todas as suas nuances, aquilo que se pretende definir culturalmente é carregado de diversidade.

Para a corrente geracional, as culturas juvenis são entendidas em oposição à cultura dominante das gerações mais velhas. Já a corrente clasista procura explicar as culturas juvenis como forma de resistência à cultura da classe dominante. Em ambos os casos, diria Pais (1996) que as culturas juvenis aparecem subordinadas a uma rede de determinismos que estruturalmente se veiculariam entre cultura dominante e subculturas.

Nesse artigo, procurou-se entender as culturas juvenis a partir de uma análise do cotidiano dos jovens:

[...] porque é cotidianamente, isto é, no curso das suas interações, que os jovens constroem formas sociais de compreensão e entendimento que se articulam com formas específicas de pensamento, de percepção e ação. [...] Mais que fazer uma dedução dos modos de vida dos jovens a partir de um centro imaginário correntemente identificado com uma cultura dominante (de gerações ou de classes), parece ser preferível estar prioritariamente aberto a uma análise ascendente do modo de vida dos jovens, partindo de seus mecanismos infinitesimais, das estratégias e táticas cotidianas, tentando perceber como esses mecanismos são investidos, utilizados, transformados, quais são as suas possíveis involuções ou generalizações (PAIS, 1996, p. 56)

Dessa forma torna-nos evidente que o jovem deve ser pensado culturalmente como o produto de um processo cultural que ora lhe é próprio e específico, e ora se inspira na cultura dominante. Assim, pode-se dizer que a juventude se caracteriza a partir de suas experiências cotidianas pois, aquilo que o jovem faz e a forma como são conduzidas suas ações no espaço social do qual faz parte é o que contribui para a formação de um perfil diferenciado em relação a geração adulta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H. W. . **Cenas Juvenis: panks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta Ampocs, 1994

ARIES, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.

BRASLAVSKY, C. **Juventud y sociedad en la Argentina**, CEPAL, 1985.

ESTABLET, R., A Escola, In: **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro: tempos brasileiros, n.35, outubro/dezembro/1973.

FORACCHI, M. M. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Pioneira, 1972.

MADEIRA, F. R. Os jovens e as mudanças estruturais na década de 70: Questionando pressupostos e sugerindo pistas. São Paulo, **Cadernos de Pesquisa**, n. 58, agosto/1986.

MANNHEIM, K. Funções das gerações novas. In: PEREIRA, L.; FORACCHI, M. M. **Educação e Sociedade**, São Paulo: Companhia Editora Nacional, Segunda Edição, 1966.

_____ O problema sociológico das gerações. In: (org) FORACCHI, M. M.. **Karl Mannheim**, São Paulo: Ática, 1982. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

_____ The Problem of Generations. In: **Essays on the Sociology of Knowledge**, Routledge & Kegan Paul, Londres, 1952, p. 290.

MORIN, E. **Cultura de massa no século XX- o espírito do tempo-I, Neurose**. 5.ed., Rio de Janeiro: Forense, 1981.

PAIS, J. M., **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1996.

NUNES, A.S., **Sociologia e ideologia do desenvolvimento**. Lisboa: Moraes Editores, 1968.

SOUZA, L. C. C. de F. **Publicidade e Contemporaneidade: estilos de vida e juventude**, São Paulo, 1998. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais) - P.U.C./SP.